

ACADEMIA, COISA GRANDE

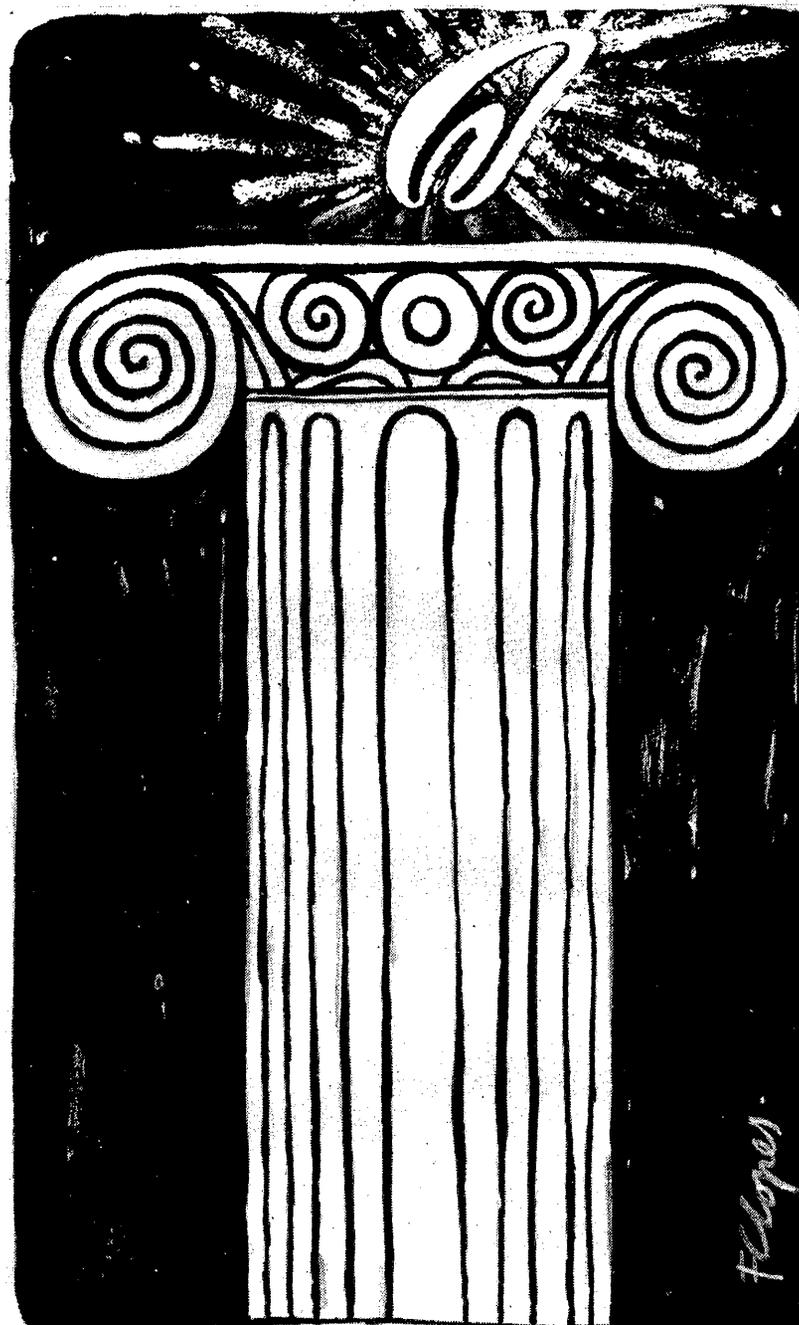
José Sarney

A Academia Brasileira de Letras completou cem anos, cercada de prestígio, glória e do orgulho que inspira ao povo brasileiro. Num país sem o zelo pelas instituições e o culto dos bens culturais, a ABL é uma exceção. Muito deve a Academia Brasileira à cidade do Rio de Janeiro. Foi o Rio que a recebeu primeiro, que a consagrou e a colocou entre seus orgulhos maiores. A Academia sempre foi uma entidade representativa e querida do Rio. A capital mudou para Brasília, mas a Academia permaneceu no Rio e é lá a sede da capital cultural do Brasil.

Quando entrei para a Academia Maranhense de Letras, bem moço ainda, escrevi a meu avô Assuéro, nordestino rijo e homem da terra, dizendo-lhe da minha satisfação. Ele recebeu a carta e imediatamente começou a soltar foguetes. Dona Tude, sua vizinha, vendo-o naquela alegria, perguntou-lhe: "O que aconteceu, seu Assuéro?" O velho respondeu: "Meu neto José entrou para a Academia". "E o que é Academia, seu Assuéro?" "Eu não sei; eu só sei que é coisa grande" — respondeu o velho. Ao entrar para a Academia Brasileira de Letras, há dezoito anos, rememorei essa história em meu discurso de posse, sucedendo a José Américo de Almeida.

Coisa grande tem sido a ABL. Ao ser fundada, o velho Machado de Assis, primeiro presidente, indicou-lhe o caminho: "A tradição é o seu primeiro voto", devendo ela existir "em defesa da língua". Afirmou Machado que a Casa "iniciada por um moço" ia ser "completada por moços", embora assegurasse que a Academia Brasileira era "a consagração da idade". Já Joaquim Nabuco, seu primeiro secretário perpétuo, afirmava que ela devia ter a "representação de antigos e modernos". Foi ainda Joaquim Nabuco quem disse: "Aqui não há omissão irreparável, porque a morte encarrega-se da renovação. Uma Academia nova é uma religião sem mistério. A Academia precisa de antiguidade".

Afrânio Peixoto, que, ao lado de Austregésilo de Athayde, foi um



grande consolidador da Academia, ao rebater, com muito humor, as acusações de sermos um depósito de velharia, citou Anatole France, que dizia haver uma ilha no Pacífico onde eles comiam os velhos. "Aqui — afirmava Afrânio Peixoto — nós os fazemos acadêmicos", completando que a Academia consistia em dois discursos: "um de elogio de corpo presente, na posse; outro — ai de nós! — já

ausente, na posse do sucessor". E concluía, rebatendo as críticas: "Queiram ou não, pela ABL vão e irão passando os homens de letras mais considerados do Brasil".

Uma crítica muito comum quanto à Academia é a de que alguns grandes escritores foram recusados. Realmente, ao longo da vida da instituição foram cometidas algumas grandes injustiças. É que a eleição acadê-

mica não representa um julgamento, é uma escolha. Lá não se julga ninguém; elegem-se pessoas para conviver ad immortalitatem. Machado de Assis dizia que nosso modelo era a Academia Francesa. E foi a França quem nos doou a sede, o Petit Trianon, que a abriga. A Academia Francesa recusou Molière e, depois, fez construir seu busto na entrada de sua sede, com a inscrição de que "esta era a glória que nos faltava". Certamente muitos faltarão, uns porque não quiseram, como Gilberto Freyre, outros, como Juscelino Kubitschek, Roberto Campos e o grande Mário Quintana, porque nos equivocamos.

A Academia completa seus cem anos fiel ao pensamento de seus fundadores. Machado de Assis pediu aos primeiros acadêmicos: "Passai aos seus sucessores o pensamento e a vontade iniciais". Continuamos escravos dessa fidelidade na guarda da tradição e da língua, esse patrimônio comum, com duzentos milhões de falantes em todo o mundo. Língua que também é pátria de todos nós, na expressão de Fernando Pessoa, quando diz "minha pátria é minha língua portuguesa".

Nosso primeiro acadêmico que tomou posse após os fundadores foi João Ribeiro, o gramático. Era um sinal do destino sobre a missão de guardião do idioma. Foi recebido por José Veríssimo, o grande historiador de nossa literatura, da qual devemos, segundo Machado de Assis, preservar a unidade.

Na sucessão de um centenário, pela Academia Brasileira de Letras passaram os grandes nomes da literatura brasileira, os grandes expoentes do nosso pensamento, com algumas liberalidades nas quais, tal Joaquim Nabuco que nessas se incluía, eu também me incluo.

A Academia tornou-se uma instituição nacional poderosa e de grande prestígio. Ela não é nossa, é do povo brasileiro e representa o baluarte inexpugnável de defesa dos valores do espírito.

■ José Sarney é senador pelo PMDB do Amapá e membro da Academia Brasileira de Letras